

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

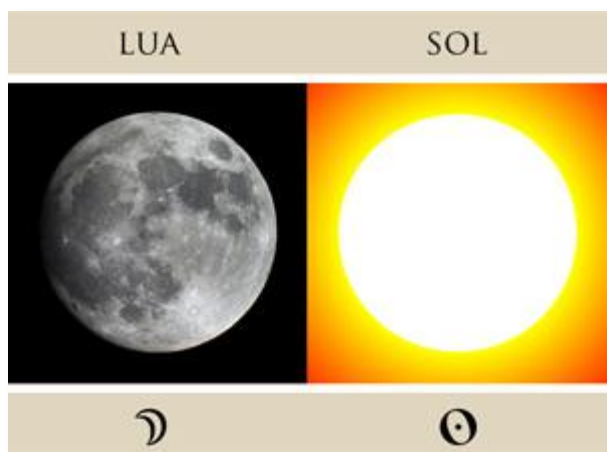
INTRODUÇÃO

Todos nós sentimos de alguma forma que temos um destino especial, uma missão, um propósito de vida. Todos experimentamos o apelo da aventura que é a procura do nosso lugar no mundo. Todos trazemos um herói em potência dentro de nós, que anseia concretizar o seu potencial.

O caminho da auto-realização requer um esforço consciente de auto-superação. Porque todos trazemos bagagens emocionais e psíquicas, condicionamentos do passado, complexos, mágoas, vínculos e amarras, este caminho começa imperativamente por iluminar todo esse passado, por lidar com toda essa herança psicológica que nos condiciona e limita. Ao começarmos a enfrentar este condicionamento passado e a desvincularmo-nos do seu poder de atracção, passamos progressivamente a entrar num novo território, o da potencialidade criativa e da realização individual.

Astrologicamente poderemos simbolizar esta aventura através dos dois “luminares” no mapa astrológico: a Lua e o Sol; sendo a Lua representativa do nosso lado inconsciente e instintivo, da contraparte física da nossa existência e o Sol símbolo do impulso espiritual da consciência, da criatividade vital que suporta a vida e a evolução. Assim, este percurso parte da identificação lunar instintiva com a herança psíquica e com o território emocional de segurança que estabelecemos na nossa infância e tem como destino alcançar a consciência solar, o centro criativo da personalidade individualizada.

O desenvolvimento deste percurso, com as suas várias etapas, poderá também ser simbolizado pela sequência das doze casas da roda astrológica, que representam as diferente áreas de realização e manifestação da existência.



A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

A PERDA DA UNIDADE

No útero materno experimentamos a unidade simbiótica com o Universo. Mãe e filho são um só. Nesse estágio, o mundo que habitamos é inseparável de nós próprios. Ainda não nascemos, mas já sentimos, já registamos sensações que ficam profundamente gravadas numa matriz psíquica ainda em formação. A memória de união, de plenitude, de comunhão é portanto primordial. É certo que a experiência do



útero não é idêntica para todos, e poderão existir interferências, tensões, dificuldades, acidentes, que irão introduzir variáveis menos idílicas neste estágio de plenitude, mas o facto é que vivemos um estado simbiótico que não requer qualquer esforço ou acção, somos totalmente nutridos e embalados pelo universo que é o corpo materno.

Mas eis que chega o momento do nascimento e somos expelidos deste útero protector e forçados a empreender o nosso primeiro acto enquanto seres individuais: respirar pela primeira vez. A astrologia toma esta primeira respiração como o momento simbólico em que somos investidos do nosso desígnio individual, e é para este instante que é calculado o mapa natal, que representa a identidade cósmica do individuo.

Passamos assim do útero, que nos envolve, protege e nutre, para experimentarmos o mundo como seres individuais; passamos da unidade e entramos no caminho da individualidade. Mas este é um longo caminho e quando nascemos somos tudo menos autónomos. Comparativamente com os mais diversos mamíferos, o recém-nascido humano é extremamente vulnerável e dependente. Uma gazela nasce apta para correr quase imediatamente, tornando-se autónoma em poucos dias. Contrariamente o recém-nascido humano é completamente indefeso e necessita de ser cuidado, protegido e alimentado para que possa sobreviver.

Essa extrema vulnerabilidade e dependência primordiais são representadas pela Lua na simbologia astrológica. Através do posicionamento deste astro no mapa natal, nos signos e nas casas, assim como dos aspectos que forma com outros planetas, poderemos aferir acerca de como experienciámos os primeiros meses de vida: se as nossas carências foram satisfeitas, se nos sentimos amados, acarinhados, alimentados, física e emocionalmente; se sentimos que o mundo nos acolheu com carinho, proporcionando-nos uma sensação de segurança, ou se nos sentimos desamparados, desprotegidos, inseguros, vulneráveis...

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

A LUA E A HERANÇA PSICOLÓGICA DO INDIVÍDUO

As circunstâncias do nascimento de uma criança determinam em grande medida o desenvolvimento psicológico da mesma. As condicionantes sociais e culturais, o ambiente psicológico, a dinâmica das primeiras interações relacionais estabelecidas pelo recém-nascido e até as razões que levam os pais a conceber um filho, têm influência determinante na psique da criança.

É no período da infância que, invariavelmente, quase todas as correntes da Psicologia procuram respostas para a compreensão da personalidade. Através da análise dos primeiros anos de vida procura-se chegar à consciencialização da origem dos problemas e das dificuldades. E aqui a Astrologia tem um contributo de valor inestimável, já que o estudo do mapa natal da pessoa revela-nos muito acerca do contexto em que cresceu, de que forma este influenciou o seu desenvolvimento e quais as suas repercussões na vida adulta.

Como já referimos, a análise simbólica da posição da Lua no mapa natal poderá revelar-nos muito acerca da forma como entramos nesta vida e da herança psicológica que carregamos connosco. Na Astrologia, a Lua representa a nossa natureza emocional, o nosso lado instintivo, o inconsciente, a forma como nos adaptamos e reagimos ao meio envolvente. A posição da Lua nos signos e nas casas, e principalmente os aspectos que forma com outros planetas, revela-nos também a imagem que temos da nossa mãe, pois esta ligação maternal é o suporte do nosso desenvolvimento nos primeiros anos de vida. Por exemplo, se no mapa natal existirem aspectos tensos (conjunção, oposição, quadratura) à Lua de planetas desafiadores como Marte, Saturno ou Plutão a figura materna tenderá a ser vivenciada como agressiva (♂), restritiva e fria (♁), manipuladora e controladora (♁). No caso de os aspectos a estes planetas serem harmoniosos (sextil, trígono) a mãe poderá ser vista como corajosa e assertiva (♂), responsável e estruturada (♁), poderosa e transformadora (♁). Se existirem tensões com Planetas como Júpiter, Úrano ou Neptuno, a figura da mãe surgirá como irresponsável (♃), errática e imprevisível (♅), ausente, inalcançável ou martirizada (♆). Com aspectos harmoniosos teremos uma imagem da mãe tendencialmente expansiva e benevolente (♃), inconventional e individualizada (♅), artística e mística (♆).

No entanto, é importante entender que estes aspectos que falamos existem no mapa do indivíduo e são por isso relativos a si próprio e representam os seus desafios



A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

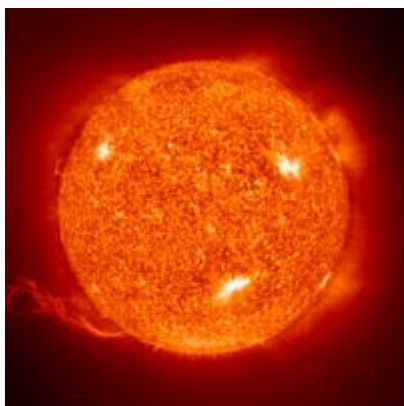
JORGE LANCINHA

de evolução, não definindo a mãe em si, mas a forma como o indivíduo tendencialmente vivência esta relação e aquilo que projecta sobre ela. Estes atributos que projectamos sobre a imagem materna estão essencialmente presentes na nossa psique a um nível inconsciente e precisam de ser iluminadas pela consciência.

A Lua simboliza a entrada neste percurso de desenvolvimento da individualidade pois representa o nosso condicionamento primário que temos de resolver antes de emprendermos a construção de uma verdadeira identidade.

O SOL E O DESENVOLVIMENTO DA IDENTIDADE

O Sol na simbologia astrológica representa precisamente o centro da identidade. É em torno do Sol que se movimentam os diversos planetas e é a sua força gravitacional que mantém a coesão e estrutura do sistema. A nível psicológico é também necessário um centro em torno do qual se possa construir uma personalidade



sólida e estruturada, é necessário uma identidade, um “Eu”. Esta identidade não é a individualidade mas o que permite a sua expressão. A individualidade será portanto a acção consciente e criativa que parte deste centro de identidade. O centro solar necessita de ser activado dentro de nós. Contrariamente ao condicionamento lunar, este princípio não é adquirido à partida, ele precisa ser conquistado.

De acordo com Liz Greene (1992), a Lua representa uma dimensão inata e instintiva da personalidade - a procura da satisfação das necessidades físicas e emocionais primárias. Ela é regressiva e puxa-nos para o passado e para a ligação de dependência materna. Mas o princípio solar é progressivo, representa um processo dinâmico em constante devir. Assim como o próprio astro é uma fonte de energia inesgotável e auto-suficiente (pelo menos do ponto de vista da escala temporal humana), as potencialidades que o Sol nos indica no mapa natal são infindáveis. O indivíduo nunca conclui o desenvolvimento deste princípio solar, pois este é um devir criativo em permanente actualização.

A Lua e o Sol são os símbolos primários da dualidade, eles representam a polaridade luz/sombra, consciente/inconsciente, acção/passividade, masculino/feminino... Se quando falamos da Lua a associamos à imagem materna, segundo o princípio das polaridades o Sol será representativo da imagem paterna. No processo de crescimento é a figura do pai que nos estimula a transcender o laço simbiótico com a mãe e a desenvolver um centro de identidade próprio.

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

A posição do Sol nos signos, nas casas e os aspectos que este forma com os outros planetas, caracterizam a imagem paterna e representam as energias e arquétipos que estão ligados ao processo de desenvolvimento da individualidade. Se, por exemplo, o ênfase for no elemento fogo (Carneiro, Leão, Sagitário e casas I, V, IX), teremos temas de assertividade, expressividade, expansividade, existindo uma tônica muito grande na auto-expressão; se for em terra (Touro, Virgem, Capricórnio e as casas II, VI, X) os objectivos centrar-se-ão em questões de realização no plano material, de gestão, produção e organização; no caso do elemento água (Caranguejo, Escorpião, Peixes e as casas IV, VIII, XII) é importante desenvolver a expressão emocional e afectiva, o poder de transformação interior, a entrega profunda e a intuição; no caso do elemento ar (Gêmeos, Balança, Aquário e as casas III, VII, XI) a expressão individual assume-se sobretudo no campo mental e intelectual, na interacção social e na comunicação.

O MITO DO HERÓI

Na mitologia encontramos um manancial de histórias que falam deste caminho - do caminho do herói que ascende em poder, em realização e em consciência. Segundo Joseph Campbell (*The Hero With A Thousand Faces*, 1949) estas narrativas têm um fundo comum, arquetípico. Estes mitos não são mais do que versões da mesma história - a história da busca interior da auto-realização da consciência. Com base na sua investigação, Campbell desenvolveu uma estrutura que subjaz a todos estes mitos e propôs o conceito de "Monomito" - uma mesma metáfora mitológica com múltiplas faces. Esta estrutura de Campbell consiste numa série de etapas simbólicas que presidem ao caminho de realização do herói e que se estabelecem em três momentos distintos: separação; iniciação; retorno. Numa primeira fase assistimos ao processo de aceitação e reconhecimento por parte do herói da sua identidade e da sua missão. Na fase seguinte temos a superação dos desafios e provas e a obtenção da recompensa. E por último o herói é compelido a colocar a sua individualidade ao serviço de uma causa maior.



Campbell (1949), afirma que o declínio das narrativas mitológicas nos tempos modernos pode muito bem relacionar-se com a degradação psicológica a que assistimos cada vez mais, num mundo cujos exemplos e modelos de massas carecem de profundidade simbólica que possa inspirar o desenvolvimento da individualidade criativa. Se nos tempos da antiguidade as histórias dos heróis eram transmitidas verbalmente, ou encenadas no palco do teatro, hoje é talvez o cinema o grande meio de transmissão de símbolos da nossa cultura de massas. E é do cinema que surge a maior parte dos mitos e heróis dos nossos dias. George Lucas, assumidamente inspirado pelas ideias de Campbell, cria a saga *Star Wars*. As trilogias *Matrix*, escrita e

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

realizada pelos irmãos Wachowski, e *The Lord of The Rings* realizada por Peter Jackson com base na obra de J.R.R. Tolkien, *The Lion King* criado pela Disney ou mais recentemente *Avatar* de James Cameron, são exemplos de narrativas mitológicas modernas que se inspiram no arquétipo do caminho do herói e que já fazem parte do imaginário cultural global.

A RODA ASTROLÓGICA DAS DOZE CASAS E O CAMINHO DO HERÓI INTERNO

Se pensarmos na roda astrológica das doze casas, que representam as diferentes áreas de manifestação da existência, e no modelo desenvolvido por A. T. Mann acerca do processo da vida (*Life Time Astrology*, 1984), também aqui encontramos uma narrativa - a mesma história da ascensão da consciência no plano da matéria através da experiência humana.

Assim, partindo da estrutura do “Monomito” de Campbell e inspirados pelo modelo astrológico de Mann, eis a nossa proposta de guião para o “Monomito Astrológico”:



A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

Temos portanto aqui a conceptualização de um caminho de individuação e auto-realização através da simbologia das doze casas astrológicas. Este caminho pode ser entendido como um percurso de vida, englobando a totalidade da história de realização individual, ou como ciclos específicos de desenvolvimento dentro de percursos mais amplos.

I - Começando na **casa I** temos o ponto de partida da aventura: o reconhecimento do eu. Esta casa simboliza precisamente o campo de desenvolvimento da nossa individualidade e é a imagem do percurso que temos que empreender neste processo de individuação. Aqui somos confrontados com a realidade de nós próprios e com o desejo de auto-realização. O espelho dos outros, simbolizados pela casa VI, é muito importante na construção desta identidade, devolvendo-nos um reflexo daquilo



que somos e de como as nossas acções influenciam o mundo que nos rodeia. No percurso de vida, esta casa representará a fase inicial da infância onde a percepção de nós próprios enquanto seres individuais se começa a formar.

II - Na **casa II** iremos descobrir o nosso valor próprio e o potencial que encerramos dentro de nós. Após sentirmos o apelo do caminho questionamo-nos acerca das nossas capacidades: acreditamos ou duvidamos. No lado oposto encontramos a casa VIII onde iremos precisamente enfrentar a prova máxima da nossa missão e é na casa II que nos é revelado esse mesmo objectivo e onde somos confrontados com as qualidades que teremos que desenvolver para o superar. Corresponde à fase da infância em que aprendemos os limites daquilo que podemos fazer face à autoridade dos pais: muita rigidez pode inibir o nosso sentido de valor próprio, demasiada tolerância deixa-nos sem noção dos nossos limites.



III - Depois de contactarmos com o nosso valor potencial, passamos então à **casa III** onde somos incitados a obter formação e treinamento que nos permita transformar esse potencial em poder de concretização. Este ensinamento é-nos facultado por professores, mentores, mestres, que nos orientam com base na sua

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

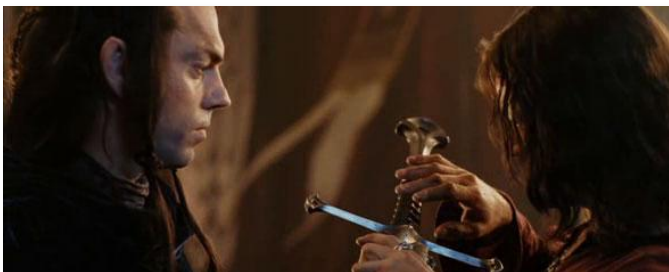
própria experiência e sabedoria, simbolizados pela oposição da casa IX, onde poderemos alcançar a recompensa iniciática. Aqui entramos num novo mundo, com novos personagens, e teremos que aprender a movimentarmos nele. Representa a primeira experiência de escola, a fase das perguntas e das primeiras convivências sociais fora do ambiente familiar.



IV - Chegados à **casa IV** atingimos um ponto muito importante do percurso no qual tomamos consciência da nossa herança passada e das raízes da nossa identidade. Esta consciencialização vem por vezes pela mão de um mentor, figura paternal, ou através de modelos com os quais nos identificamos. É o ponto onde percebemos que somos parte de um legado e onde nos é passado o testemunho para que continuemos as passadas dos nossos predecessores. No lado oposto encontramos a casa X que representa precisamente a projecção máxima da nossa personalidade no mundo exterior. É também pela percepção das expectativas que sobre nós recaem que vamos desenvolvendo a nossa visão própria do que pretendemos alcançar, seja pela identificação ou pela recusa desse legado.



V - E é na **casa V** que vamos de facto assumir o nosso próprio desígnio. Esta casa está precisamente associada ao Sol e tem por isso um significado especial no percurso. Até aqui fomos sendo encaminhados e acompanhados no desenvolvimento do



caminho, mas este é o momento em que teremos que começar a caminhar pelo nosso próprio pé e encontrar a nossa passada. É um momento de grande experimentação em que procuramos encontrar uma forma de expressão individual e diferenciada. É a fase da

adolescência, com a sua crise de identidade e o seu lado rebelde, rejeitando muitas vezes qualquer influência ou conselho, para seguirmos segundo o nosso próprio desígnio.

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

VI - Depois de encarnarmos o papel do herói à nossa maneira, chega o momento de sermos colocados à prova. Na **casa VI** teremos que nos testar face aos primeiros desafios que a senda nos propõe. É uma fase em que ganharemos



endurance e refinaremos as capacidades desenvolvidas até aqui, ajustando-as a desafios concretos e tarefas que nos são solicitadas. Estas tarefas fazem parte de um projecto para o qual contribuímos com a nossa acção, mas nesta fase não temos ainda a consciência plena de que o nosso caminho individual cumpre uma determinada função colectiva.

VII - Na **casa VII** vamos entrar na segunda metade do ciclo, na qual começaremos a transcender a dimensão pessoal do caminho e a projectar-nos mais no colectivo. E começaremos precisamente por encontrar nesta casa os outros que nos acompanham neste percurso, quer sejam aliados que se associam a nós, ou inimigos e rivais que se atravessam no nosso caminho. Nesta fase a nossa identidade é estruturada com base nas relações - vamos conhecer-nos através dos outros. Tanto aliados como inimigos são espelhos nos quais projectamos qualidades e lacunas que em última análise residem em nós próprios.



VIII - E eis que é chegada a hora de enfrentarmos a grande prova, o desafio para o qual nos fomos preparando ao longo do percurso. Na **casa VIII** dá-se a batalha



final onde encaramos o nosso maior inimigo, um desafio no qual teremos que apostar tudo. Na verdade é uma luta interior onde será necessário mergulhar nas profundezas do nosso ser para eliminar tudo o que impede a iluminação da consciência. Os medos, os apegos, as dependências, a sede

A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

de poder, a ambição pessoal, necessitam de ser eliminados para que possamos seguir em frente no caminho. É uma autêntica experiência de morte e renascimento, uma iniciação alquímica pela qual teremos que passar para ascendermos em nível de consciência.

IX - Se tivermos superado a prova anterior na **casa IX** teremos acesso à recompensa. Aquilo que nos colocou no caminho, o objectivo que procurávamos alcançar está perante nós. Este prémio pode revestir-se de muitas formas, mas essencialmente é um prémio de consciência e iluminação. O desafio desta casa será a compreensão do elevado significado do caminho que traçámos e adquirirmos consciência do projecto global no qual se insere o nosso percurso individual. Com esta nova consciência estaremos prontos para adoptar o nosso papel como guias ao lado dos mestres que anteriormente nos orientaram.



X - Superadas as provas e obtida a recompensa, é altura de assumir o poder de liderança que a individualidade conquistada nos traz. Na **casa X** entramos no último quarto de ciclo e este é o ponto de máxima realização e projecção pessoal. Mas aqui a dimensão pessoal, agora iluminada pela consciência que conquistamos na fase anterior, é um símbolo de importância colectiva, que vem incutir um sentido de



estrutura, ordem e direcção construtiva. Neste processo construímos também o nosso legado que servirá de fundação às gerações futuras no caminho.

XI - Na sequência do nosso papel face ao colectivo, na **casa XI** teremos que nos colocar ao serviço da comunidade. A individualidade terá que servir o colectivo numa perspectiva de igual para igual. Se na casa X fomos símbolo de poder agora seremos símbolo de igualdade, e as nossas capacidades deverão ser colocadas ao



A PROCURA DA INDIVIDUALIDADE

UMA VISÃO ASTROLÓGICA

JORGE LANCINHA

serviço dos outros. O “eu” que assumimos na casa V transformar-se-á aqui em “nós”. As motivações individuais alinham-se com o desígnio colectivo.

XII - Por fim chegamos à **casa XII**, onde teremos o último e derradeiro desafio: o de abdicar da própria individualidade. Este é o momento em que iremos de encontro à transcendência e à dissolução no oceano indiferenciado da totalidade. Teremos que nos despojar de nós próprios e aceitar a fusão com o todo. É o fim do caminho mas também o antecomeço de um novo ciclo na espiral da existência.



> [Vídeo ilustrativo da viagem mítica do herói](#)

REFERÊNCIAS:

Campbell, Joseph (2004). *The Hero With A Thousand Faces*. New Jersey: Princeton University Press.

Mann, A. T. (2002). *The Divine Life*. Great Britain: Vega.

Green, Liz. & Sasportas Howard. (1992). *The Luminaries*. York Beach, ME: Weiser Books.

Sasportas, Howard (2007). *The Twelve Houses*. London: Flare Publications / London School of Astrology.



Artigo realizado no âmbito do **Nível 6** da
Formação Dinâmica em Astrologia

JORGE LANCINHA
CEIA 2011